

**CONSTRUINDO DIÁLOGOS ENTRE A ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA E A TEORIA
INSTITUCIONAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

RAPHAEL DE MORAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

VALÉRIA BRITO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

DANIEL CALBINO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI (UFSJ)

AGDA SILVA PRADO

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS - IFSULDEMINAS

Agradecimento à orgão de fomento:

CAPES, CNPq e FAPEMIG

CONSTRUINDO DIÁLOGOS ENTRE A ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA E A TEORIA INSTITUCIONAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

1. INTRODUÇÃO

A virada das práticas nos estudos organizacionais tem trazido sólidas contribuições para as diferentes áreas da administração. Dentre as áreas ancoradas nas práticas, destaca-se a perspectiva da Estratégia como Prática (ECP), que recebe contribuições de diferentes teóricos dos mais variados campos das ciências sociais, tais como: Bourdieu, Foucault, De Certeau e Giddens permeando os estudos organizacionais com uma visão diferenciada acerca da estratégia, quando as práticas cotidianas de “se fazer” estratégia recebem um enfoque maior, em detrimento da forma mais objetivista como a estratégia vem sendo tratada nas ciências administrativas (RABETINO; KOHTAMÄKI; FEDERICO, 2020).

A ECP surge a partir de um formato diferente de se compreender como é estabelecida a estratégia dentro das organizações. Esta corrente aponta que a estratégia é algo construído, ou seja, realizada por diferentes atores dentro das organizações. Portanto, não se trata de mecanismos centralizados e planejados por uma cúpula gerencial. A ECP possui interesse em observar atividades, processos e práticas sociais que também integram a construção e reconstrução do fazer estratégias no âmbito organizacional. Destaque-se também a busca por aprofundar em aspectos desenvolvidos e nem sempre registrados pelos atores durante o processo de estratégia, tais como planejamento e implementação, com interesse em desvelar uma caixa preta (GOLSORKHI et al., 2015).

Ressalte-se que a abordagem da ECP se encontra em estágio de desenvolvimento, sendo possível encontrar diferentes estudos que aplicam esta perspectiva em pesquisas que abordam não apenas a estratégia na prática, mas também com a possibilidade de construção de pontes teóricas, visando aprimorar incompletudes que diferentes teorias possam apresentar. Nesse sentido, vem sendo desenvolvida uma abordagem paralelamente à ECP que pode enriquecer os constructos teóricos: a Teoria Institucional. O institucionalismo é uma abordagem teórica consolidada nos estudos organizacionais, porém, algumas correntes contemporâneas têm surgido e pouco ainda têm sido aplicadas, destacando o Trabalho Institucional e as Lógicas Institucionais, que são consideradas também temas em desenvolvimento. Contudo, autores como Golsorkhi et al. (2015) e Seidl e Whittington (2014) advogam pela possibilidade de pontes teóricas que consigam aprofundar e compreender melhor a estratégia como prática com o auxílio do institucionalismo.

Mais especificamente, o presente artigo visa responder a seguinte questão norteadora: “Como a articulação entre Estratégia como prática e a Teoria Institucional tem sido pesquisada na literatura nacional e internacional?”. Para responder a esta pergunta, foi desenvolvida uma revisão integrativa de literatura internacional, a partir de publicações indexadas nas bases *Scielo*, *Scopus* e *Web of Science* sobre o tema “Estratégia como Prática e Teoria Institucional”, com o objetivo de apresentar os principais pontos e contribuições destas obras.

A busca por esta articulação se justifica considerando as contribuições de Bonfim, Abib e Gonçalves (2013), que ressaltam que há uma busca por avançar na abordagem da estratégia como prática, bem como superar a explicação de práticas puramente no nível organizacional (micro). Na busca por este avanço, observa-se no institucionalismo um caminho interessante, especialmente ao se considerar as lógicas e o trabalho institucional, capazes de contribuir com a explicação de fenômenos extra e intraorganizacionais que influenciam as práticas estratégicas.

Destaque-se ainda que ao analisar a estratégia sob a perspectiva das práticas, deve-se compreender que a estratégia como permeada por lógicas institucionais, sendo o lócus onde os atores sociais interagem a partir de práticas cotidianas. Ao se considerar também a inserção dos atores como dotados de reflexividade e que promovem ações tendo em vista criar, manter ou

interromper práticas organizacionais, a corrente do trabalho institucional também é capaz de trazer para o desenvolvimento da Estratégia como Prática, demonstrando que a imbricação entre as duas correntes teóricas pode trazer contribuições significativas, bem como fortalecer seus respectivos campos de estudo (BONFIM; ABIB; GONÇALVES, 2013).

Além desta introdução, o artigo apresenta mais quatro seções: o referencial teórico, o percurso metodológico que guia esta pesquisa, os resultados e discussões, por fim, as considerações finais com a apresentação de proposições de uma agenda de pesquisa.

2. ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA E TEORIA INSTITUCIONAL: UMA REFLEXÃO TEÓRICA

2.1 Compreendendo a Estratégia como Prática

A estratégia é um fenômeno organizacional que recebe especial atenção dentro das ciências administrativas, e até meados da década de 1990, possuía orientação de cunho mais objetivista. Whittington (1996) apresenta uma linha do tempo em torno da evolução dos estudos em estratégia, sendo destacados quatro momentos, entre 1960 e 1990. Na década de 1960, a administração estratégica era estudada sob a ótica do “planejamento”, sendo a estratégia vista como um processo formal, e se desenvolve a partir da aplicação de técnicas e planos que auxiliam na tomada de decisão de gestores. Já nos anos de 1970, o autor destaca que houve uma guinada para estudos que observassem a estratégia no âmbito estrutural das organizações, ou seja, as estratégias organizacionais eram percebidas como processos de transformação e agrupamentos coerentes, envolvendo características e comportamentos em comum. Nos anos 1980 a estratégia passa a ser estudada como um processo. Porém, nos anos 1990, recebendo influência da virada das práticas nos estudos organizacionais, surge a estratégia como prática (RABETINO; KOHTAMÄKI; FEDERICO, 2020).

Andrade, Brito e Baeta (2016) destacam que, de um modo geral, os estudos em estratégia se desenvolveram e consolidaram a partir de uma ótica racional e tecnicista e a estratégia como prática surge como forma de contrapor a maneira como a estratégia era vista até então. Corroborando com esta discussão, Brown e Thompson (2013) argumentam que a estratégia como prática tem como característica a busca por uma compreensão crítica em torno da estratégia, superando a ideia da mesma como uma mera ferramenta organizacional, sendo um de seus enfoques humanizar as pesquisas em estratégia.

Para Baeta, Brito e Tonelli (2016) o que diferencia as perspectivas clássicas de estratégia da mais recente estratégia como prática, é que ao invés de se trazer modelos e prescrições, a estratégia como prática visa à necessidade de se compreender as práticas que são realizadas no cotidiano das organizações. Na visão de Tureta e Julio (2016), esta abordagem centra as suas atenções para o processo de se fazer estratégia, também identificado como *estrategizar* (ou *strategizing*). Valoriza-se outros aspectos, além dos processos e das estruturas, levando-se em consideração a subjetividade dos diferentes atores que praticam a estratégia, bem como aspectos históricos e culturais das organizações e suas influências na estratégia desenvolvida pela organização. A estratégia deixa de ser vista como algo pertencente e imposta pela organização e passa a ser concebida como algo deliberado e que envolve a participação de outros atores que não os de topo de gestão.

Whittington (1996) define a estratégia como práticas cotidianas que são desenvolvidas e realizadas nas organizações, intermediadas por diferentes ações, interações sociais e desenvolvimento de habilidades. Jarzabkowski e Seidl (2008) apontam que a Estratégia como Prática se aporta em pressupostos do construcionismo social, no qual se concebe que a realidade e o conhecimento são socialmente construídos. Nesta perspectiva, valoriza-se os seguintes aspectos: quem, quando, onde, como e por quê as estratégias são realizadas, construídas,

desenvolvidas e implementadas, identifica-se atores responsáveis e as formas de implementação das diferentes estratégias organizacionais, além de uma busca por compreender aspectos técnicos que intermediam as práticas estratégicas.

As práticas estratégicas seriam analisadas a partir da articulação de três pilares principais que são dialéticos entre si: as práticas, as práxis e os praticantes (Fenton e Langley 2011), os praticantes são os atores que desenvolvem as atividades e ações, sendo reconhecidos como dotados de reflexividade, as práticas são as ações rotinizadas que são partilhadas pelos atores e por fim, a práxis pode ser compreendida como a maneira real que as práticas são desenvolvidas pelos atores. Além destes três pilares, Whittington (2006) ainda destaca que o domínio da Estratégia como Prática envolve as relações recíprocas entre os níveis micro e macro. Jarzabkowski e Whittington (2008) ainda apontam que a noção da ECP não está voltada simplesmente para a criação e manutenção das estratégias em si, sendo necessário a partir desta premissa, desenvolver olhares para os trabalhos e práticas realizados nas rotinas organizacionais.

Whittington (2006) ressalta que ao recorrer a uma perspectiva da estratégia que se aporte nas práticas sociais, deve ser levado em consideração como os diferentes praticantes da estratégia (tais como gestores, consultores, gerentes de nível médio e outros atores envolvidos na organização) recorrem as diferentes práticas que dão sustentação as estratégias organizacionais. Estas práticas podem se caracterizar como formais e institucionalizadas, relacionadas a diferentes rotinas, técnicas e discursos propagados, contudo, podem possuir características distintas no momento de serem realizadas, considerando as *práxis* da estratégia (que envolve conversas, interações e reuniões, por exemplo), para se atingir ao que é concebido na organização como uma estratégia. Fica claro aqui a importância de compreender as ações não só dos gestores, mas também de diferentes atores, além das atividades e interações estabelecidas no cotidiano organizacional.

Aponta-se ainda que como a Estratégia como Prática é uma corrente teórico-metodológica que está em desenvolvimento, é uma perspectiva que muito tem a ganhar ao recorrer a pontes teóricas com outras correntes (GOMEZ, 2015; MANTERE, 2015; JARZABKOWSKI, 2015). Portanto, há uma defesa em torno de maiores diálogos e pontes teóricas, considerando por exemplo, correntes contemporâneas do institucionalismo organizacional, tendo em vista o movimento em busca da compreensão dos papéis de atores reflexivos nos processos organizacionais em que estão inseridos, destacando entre estas correntes contemporâneas, as lógicas institucionais e o trabalho institucional, melhores apresentados a seguir.

2.2 Teoria Institucional e seus desdobramentos teóricos

A teoria institucional tem avançado nos estudos organizacionais, considerando suas vertentes contemporâneas (MORAIS et al., 2020). Dentre os destaques da teoria, está a busca por questionar ocorrências que não podem ser compreendidas sob as óticas funcionalistas. Há também o interesse por compreender e aprofundar os mais variados fenômenos organizacionais em seus ambientes e contextos, assim como uma busca por compreender as organizações considerando influências humanas, culturais e comportamentais.

Smets, Greenwood e Lounsbury (2015) ressaltam que diferentes pesquisadores da teoria institucional, recentemente, têm buscado cada vez mais recorrer às bases teóricas da estratégia como prática, visando conceituar os diferentes cenários institucionais, bem como as formas que as organizações constroem e desenvolvem as estratégias sob a égide das práticas. Percebe-se um interesse, a princípio, em aprimorar teorizações de diferentes correntes contemporâneas do institucionalismo, como o trabalho institucional, complexidade institucional e também as lógicas institucionais. Isso vai ao encontro também de uma agenda

de pesquisa da Estratégia como Prática, que tem recorrido às perspectivas institucionais visando trabalhar uma contextualização mais forte e ampla.

Os fundamentos do institucionalismo organizacional se situam em obras de pensadores da Sociologia, como Weber, Marx e Durkheim. A partir das obras destes pensadores, diferentes abordagens institucionais surgiram no decorrer do século XX, abordagens estas que possuem enfoques e recortes teóricos próprios, porém refletindo a evolução e desenvolvimento da Teoria Institucional (LAWRENCE; SUDDABY, 2006, PAIVA et al., 2021). Pereira (2012) destaca que a teoria institucional é capaz de proporcionar importantes contribuições para a gestão organizacional. A partir desta perspectiva, observa-se as interações entre os contextos culturais e políticos alinhados à ação humana, visando explicar os mais diversos fenômenos que ocorrem nas organizações, compreendendo como as estruturas, procedimentos e ações se tornam legítimas e quais são as consequências que a legitimidade destas ações e estruturas traz como resposta para as organizações.

Divididas entre institucionalismo clássico e novo institucionalismo, porém, críticas foram feitas à falta de reflexividade de atores bem como o seu papel de agência nas organizações. A partir da aceitação dessas críticas, observa-se que da década de 1990 em diante, um esforço em pesquisas que vão em direção à busca de respostas para questões relacionadas com a mudança organizacional, pluralismo, relações complexas, poder de agência, desinstitucionalização, dentre outras vertentes. Já adentrando a década de 2000, surgem novas abordagens da corrente institucional. Destas abordagens, destacam-se as lógicas institucionais e o trabalho institucional (LAWRENCE; SUDDABY, 2006; LAWRENCE; SUDDABY; LECA, 2011). Estes conceitos podem ser considerados desdobramentos do novo institucionalismo que potencializam a análise da relação entre agência e estrutura tão necessária para a compreensão da realidade organizacional. O próprio Trabalho Institucional é reconhecido pelos autores como uma perspectiva teórica institucional que visa incrementar o constructo teórico sobre temas que já foram debatidos na corrente institucional (LAWRENCE; LECA; ZILBER, 2013, PAIVA et al., 2021).

As lógicas institucionais são definidas por Thornton e Ocasio (2008) como construções sociais, padrões de práticas, valores, crenças e regras que os diferentes atores que compõem uma organização produzem e reproduzem, sendo estas construções dotadas de materialidade e organizadas temporal e espacialmente. Estas lógicas organizadas dão sentido a realidade organizacional. Elas fornecem a possibilidade de compreender a fundo informações contextuais, levando a compreensão de aspectos culturais, simbólicos, técnicos e operacionais que estejam presentes nas organizações.

No que tange ao Trabalho Institucional, Lawrence e Suddaby (2006) apresentam os fundamentos desta abordagem institucional. Os autores visam desenvolver uma concepção com enfoque nas práticas organizacionais, a partir da visão do ator, concebido como dotado de interesse e liberdade de ação com os propósitos de criar, manter ou interromper instituições. Esta perspectiva busca compreender como as ações desenvolvidas por atores podem trazer influências sobre as estruturas sociais e institucionais, com foco no trabalho desenvolvido por indivíduos, grupos e organizações, interessados na criação de novas instituições, em dar continuidade em instituições existentes ou interromper instituições que estruturam ação organizacional (MORAIS et al., 2020; PAIVA et al., 2021).

Tanto as lógicas institucionais quanto o trabalho institucional, apesar de recentes tem apresentado um aumento gradativo de publicações e pesquisas que envolvam suas contribuições teórico-conceituais (PAIVA, et al., 2021). Contudo, Smets, Greenwood e Lounsbury (2015) destacam que as possibilidades das correntes institucionais contemporâneas permanecem ainda pouco exploradas, sendo uma boa possibilidade avançar nestas perspectivas a partir de contribuições da estratégia como prática. Assim como a estratégia como prática, há uma busca a partir do institucionalismo pela superação da compreensão organizacional sob os aspectos

objetivistas, sendo possível construir pontes, pois enquanto a corrente institucional analisa aspectos da estrutura, estabilidade e análise de contextos macros, a estratégia sob a perspectiva da prática observa aspectos da agência, mudanças, atividades coletivas e atores organizacionais (SMETS; GREENWOOD; LOUNSBURRY, 2015).

Recorrer as lógicas e ao trabalho institucional, por exemplo, também seria uma possibilidade de responder as críticas que as duas correntes recebem: enquanto a estratégia como prática tem sido criticada por dar um excessivo enfoque as análises num nível micro, deixando em segundo plano as conexões com os níveis macro organizacionais, as correntes institucionais têm dado excessivo enfoque no âmbito macro organizacional sendo, portanto, importante buscar uma conexão entre as duas perspectivas.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Para cumprir o objetivo deste trabalho empregou-se o método de revisão integrativa proposto por Torracco (2016). Para este autor, a revisão integrativa da literatura é uma forma distinta de pesquisa que gera novos conhecimentos sobre o tema revisado. Este método possibilita a revisão, análise e a síntese integrada das contribuições de diversos autores sobre um tema de interesse. Esta abordagem se aplica na revisão de temas maduros, dinâmicos ou emergentes, a exemplo do diálogo teórico entre a ECP e abordagem institucional.

A escolha deste método de revisão se justifica pelas seguintes razões: a) este método se diferencia das abordagens sistemáticas e revisões bibliométricas que atendem a outros relevantes propósitos em termos de revisão de literatura; b) o percurso metodológico desta modalidade permite o mapeamento, análise e síntese de contribuições, convergências, contradições ou divergências entre posicionamentos teóricos sobre temas emergentes que estão sendo abordados pela literatura; c) as revisões integrativas de literatura possibilitam o desenvolvimento de revisões reflexivas e integrativas que podem contribuir para mapeamento e proposição de soluções para as inconsistências encontrada na literatura na literatura selecionada; d) a aplicação deste método de revisão também pode contribuir para a construção de novas agendas de pesquisa (Torraco, 2016).

A aplicação deste método de revisão integrativa exigiu a aplicação do seguinte percurso metodológico proposto pelo referido autor: a) Definição do tema de pesquisa e consulta sobre sua tradução em língua inglesa, desta forma, os termos para pesquisa se basearam a partir da ideia de Estratégia como Prática e Teoria Institucional, que foram traduzidas para *Strategy as Practice and Institutional Theory*;

b) Em seguida, foram selecionadas três bases de dados disponíveis e indexadas ao portal de periódicos Capes, a *Web of Science*®, *Scielo*® e a *Scopus*®. A escolha se deu devido a abrangência que as três bases possuem, com contribuições acadêmicas indexadas em todo o mundo, no qual aplicou-se para a *Web of Science* os termos acima mencionados no campo de título, resumo, tópico e palavras-chave. Para a *Scielo* e *Scopus* recorreu-se também os mesmos termos acima, identificando artigos, palavras-chave e tópicos.

c) Como primeiro resultado, na *Web of Science*, houve um retorno de 17 arquivos, no qual após a filtragem para artigos, área de Administração, Economia e Negócios, trouxe como retorno 9 artigos, nos quais foram analisados títulos, resumos e palavras-chave, visando encontrar artigos que tratassem de ambas as correntes teóricas. Destes 9 artigos, 5 não tratavam do tema, sendo aproveitadas 4 obras.

d) Por sua vez, na base *Scopus*, como primeiro resultado retornaram 12 artigos, dos quais 6 não tratavam do tema, 2 eram repetidos frente ao encontrado na *Web of Science*, sendo aproveitadas 4 obras.

e) Na base *Scielo*, houve um retorno de 14 artigos, dos quais 7 não tratavam do tema, 1 dos artigos já havia sido encontrado através da base *Scopus*, retornando com um corpus de 6 artigos que foram selecionados e revisados (Quadro 1).

f) Por fim, procedeu-se com a leitura aprofundada e uma síntese específica de cada um dos artigos selecionados. Nesta leitura crítica e reflexiva procurou-se mapear as convergências e divergências entre os textos e as contribuições de cada deles para o entendimento do diálogo estabelecido entre a ECP e abordagem Institucional. Posteriormente, desenvolveu uma análise integrativa levando-se em consideração a questão norteadora deste trabalho.

Quadro 1: Artigos por base de pesquisa

<i>Web of Science</i>	<i>Scopus</i>	<i>Scielo</i>
Corpus Inicial: 17	Corpus Inicial: 12	Corpus Inicial: 12
Corpus final: 4	Corpus final: 4	Corpus final: 6

Fonte: Elaborado pelos autores.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Síntese dos artigos

Nesta sessão será apresentada uma síntese dos artigos selecionados para esta revisão integrativa. A estratégia como prática e a teoria institucional possuem proximidades ontológicas e epistemológicas, o que pode favorecer o desenvolvimento de pesquisas sob esta perspectiva. Conforme apontado por Suddaby, Seidl e Lê (2013), há um interesse e uma necessidade de se desenvolver a abordagem da Estratégia como Prática como uma perspectiva organizacional. Uma das possibilidades deste desenvolvimento é a possibilidade de confluência entre o neoinstitucionalismo e a Estratégia como Prática. Contudo, trata-se de uma aproximação que ainda está em fase inicial de desenvolvimento, considerando a própria emergência da estratégia como prática. Por mais que o neoinstitucionalismo seja uma corrente teórica forte e que fundamenta diferentes pesquisas em organizações, apresentando até estudos sobre estratégia na perspectiva tradicional, pouco ainda tem se visto no desenvolvimento em conjunto com a Estratégia como Prática.

Isto fica mais evidente quando consideradas as perspectivas contemporâneas do neoinstitucionalismo, tais como as lógicas institucionais e o trabalho institucional, por exemplo. O corpus de análise conta com 14 artigos de pesquisadores nacionais e internacionais. Como detalhado no Quadro 2, destes 14 artigos, nove são artigos teóricos, que buscam discutir, dentre outros aspectos, formas de como a estratégia como prática pode ser complementada a partir das contribuições da teoria neoinstitucional ou correntes contemporâneas do neoinstitucionalismo, como as lógicas institucionais e o trabalho institucional. Por sua vez, os outros cinco artigos são empíricos e recorrem a diferentes metodologias para relacionar a estratégia como prática às correntes institucionais.

No que tange aos fenômenos sociais analisados nestes artigos empíricos, diferentes são as contribuições. Por exemplo, na obra de Maciel e Silva (2009), os autores recorrem às contribuições das lógicas institucionais e análise de redes para compreender as práticas estratégicas desenvolvidas por religiosos de uma organização evangélica. Em relação à obra de Gencer e Oba (2011), os autores visam compreender a evolução de trabalho em ambiente virtual em uma organização de tecnologia, mais especificamente quais as práticas estariam presentes no processo de governança híbrida, considerando aspectos de normas e regras institucionalizadas.

Marietto e Serra (2019) recorreram a conceitos de isomorfismo presentes em cerimônias de casamento para explicar práticas estratégicas realizadas por atores que atuam no ramo de vestuário para estas ocasiões. É possível perceber que há diferentes vertentes a serem exploradas e o que estes três exemplos ilustram é a demonstração de estudar ambientes diferentes da corporação tradicional, o que pode contribuir com diferentes insights e compreensões que fortaleçam tanto a Teoria Institucional como a Estratégia como Prática. A seguir será apresentada uma síntese com objetivos, autores, articulação teórica e métodos aplicados pelos pesquisadores.

Quadro 2: Síntese de artigos

Autores	Objetivos	Metodologia	Articulação teórica
Jarzabkowski e Whittington (2008)	Discutir as contribuições que a estratégia como prática pode trazer para o avanço dos estudos em gestão em sala de aula.	Ensaio Teórico	Explicitamente não há uma articulação em torno de nenhuma corrente institucional, apenas um breve destaque sobre a necessidade de se articular a perspectiva da Estratégia como Prática com outras correntes teóricas das ciências sociais.
Maciel e Silva (2009)	O objetivo deste artigo é discorrer sobre a relação entre valores dos dirigentes, práticas estratégicas e imersão social de uma rede de congregações de confissão evangélica, estabelecida em Curitiba-PR, Brasil.	Empírico: Quali-quanti, pesquisa documental, contagem e estatística descritiva de fenômenos, entrevistas semi-estruturadas com dirigentes, análise de conteúdo.	Estratégia como Prática e Teoria Neoinstitucional (recorre a Friedland e Alford (1992)), mas não claramente as lógicas institucionais em si, mesmo trazendo contribuições destas perspectivas), além de recorrer também a análise de redes para compreender o ambiente institucional que se estabelecem as práticas estratégicas
Gencer e Oba (2011)	Neste artigo, os autores desenvolvem uma estrutura conceitual para compreender a coevolução de uma comunidade virtual e um regime de governança híbrido. (softwares abertos ou fechados).	Empírico: Quali-Quant (não descrevem de forma aprofundada como acessam e trabalham os dados).	Recorrem ao neoinstitucionalismo e a ECP - a teoria institucional forneceu uma base para explicar como os membros da comunidade são capturados dentro das normas e regras emergentes e, portanto, da abrangência do mecanismo de governança híbrida.
Walter e Augusto (2011)	Neste analisa-se o nível de institucionalização sob a ótica da Estratégia como Prática), adotando a teoria institucional como perspectiva de análise.	Empírico: estudo bibliométrico.	Busca-se aqui realizar um estudo bibliométrico para compreender a institucionalização da ECP.
Walter e Augusto (2011)	Este artigo visa investigar como consultores participam do “strategizing” (planejamento de uma estratégia) de uma organização.	Empírico: Entrevistas semi-estruturadas e análise documental, seguida da análise de conteúdo.	Busca-se aqui articular a estratégia como prática a teoria neoinstitucional (isomorfismo)

Walter, Augusto e Fonseca (2011)	O objetivo é desenvolver um modelo conceitual que possibilite relacionar os diferentes níveis de estratégia de forma a promover a integração entre as perspectivas institucional e de estratégia como prática, com mediação da teoria da estruturação.	Ensaio Teórico	Estratégia como prática, teoria neoinstitucional e teoria da estruturação.
Coraiola, Mello e Jacometti (2012)	O presente ensaio busca apresentar um conjunto de recomendações teórico metodológicas com o objetivo de orientar a realização de pesquisas sobre estratégia.	Ensaio Teórico	ECP, Neoinstitucionalismo e teoria da estruturação.
Frolich et al. (2012)	Identificar como as instituições de ensino superior lidam com o pluralismo institucional – recorre-se a ECP para conectar níveis micro a níveis macro.	Ensaio Teórico	ECP, sensemaking e teoria institucional (pluralismo institucional e lógicas institucionais).
Suddaby, Seidl e Lê (2013)	Demonstrar as possíveis contribuições entre a estratégia como prática e o neoinstitucionalismo, a partir de três áreas: foco nas práticas de atores, o compartilhamento cognitivo e o papel da linguagem na criação de significados.	Ensaio Teórico	Estratégia como prática e neoinstitucionalismo, destacando correntes como o Trabalho Institucional, Lógicas Institucionais e Complexidade Institucional.
Smets, Greenwood e Lounsbury (2015)	Apresentar possibilidades de contribuições entre a teoria institucional contemporânea e a estratégia como prática.	Ensaio Teórico	Lógicas Institucionais (Thornton, Ocasio e Lounsbury, 2012); Complexidade Institucional (Greenwood et al. 2011); Trabalho Institucional (Lawrence e Suddaby, 2006); Microfundamentos das Instituições (Powell e Colyvas, 2008).
Tureta & Julio (2016)	Apresentar as contribuições da abordagem do Trabalho Institucional para o estudo da Estratégia como Prática Social.	Ensaio Teórico	Estratégia como Prática e Trabalho Institucional (institucionalismo contemporâneo).
Smets, Aristidou & Whittington (2017)	Apresentar as contribuições que um Institucionalismo Orientado a Prática pode trazer para a evolução dos Eors	Ensaio Teórico	Não articula puramente com a ECP, mas recorre a ela como exemplo do que pode ser trabalhado, apontando características do institucionalismo contemporâneo.
Marietto e Serra (2019)	Analisar as práticas estratégicas realizadas em comércios de roupas de casamento, recorrendo a elementos institucionais que estão presentes no campo organizacional relacionado a cerimônia.	Empírico: observação participante, coleta de dados através de entrevistas	ECP e teoria neoinstitucional, recorrendo a conceitos como isomorfismo, instituições e não claramente, as lógicas institucionais que permeiam estas instituições.
Santos et al. (2020)	O objetivo é sugerir uma nova perspectiva teórica nos estudos sobre empreendedorismo feminino, mais especificamente, uma análise do fenômeno sob as perspectivas da Estratégia como Prática e Teoria Institucional.	Teórico: Pesquisa bibliográfica.	ECP, empreendedorismo e teoria neoinstitucional (isomorfismo, instituições como regras construídas e perpetuadas).

Fonte: Dados da pesquisa, desenvolvido pelos autores.

4.2 Estratégia como Prática e Institucionalismo: Revisando o diálogo teórico

Os artigos teóricos que compõem esta pesquisa primam pela importância da conexão entre as correntes da Estratégia como Prática e da Teoria Institucional, sendo que os autores concordam que esta aproximação pode desenvolver estudos promissores. A obra de Jarzabkowski e Whittington (2008), neste conjunto de artigos, foi a primeira a citar a importância de uma expansão da Estratégia como Prática para outras áreas, tendo em vista desenvolver esta corrente teórica. De maneira ainda emergente, considerando a própria incipiência da ECP, os autores defendem nesta obra a existência de uma articulação com outras correntes teóricas. Considerando as teorias robustas que já possuam tradição no âmbito das ciências sociais, se destaca o institucionalismo, como um aporte para fortalecer o ensino da Estratégia como Prática.

Nesta direção, Suddaby, Seidl e Lê (2013) apontam em sua obra que esta necessidade do fortalecimento da ECP possibilita um (re)encontro entre a estratégia como prática e o neoinstitucionalismo. Esse encontro visaria responder a críticas que ambas correntes teóricas recebem. No que tange a estas críticas, Smets, Greenwood e Lounsbury (2015) apontam que a perspectiva institucional teria um interesse em compreender aspectos em um nível mais macro-organizacional, desconsiderando aspectos relacionados aos processos organizacionais, aqueles inerentes às práticas, bem como à reduzida atenção aos indivíduos e às microdinâmicas presentes nos fenômenos que compõem as organizações. No que tange às críticas à Estratégia como Prática, destaca-se o microisolacionismo da pesquisa a ênfase em explicar detalhadamente as práticas organizacionais.

Cabe ressaltar que a ECP busca uma conexão das práticas estratégicas desenvolvidas nas organizações com o ambiente organizacional, mas isso tem sido pouco explorado pela pesquisa, portanto, a convergência entre as duas perspectivas pode suprir as lacunas e responder às críticas apontadas pelos pesquisadores. Suddaby, Seidl e Lê (2013) e Smets, Greenwood e Lounsbury (2015) defendem que o reencontro das duas perspectivas pode auxiliar no desenvolvimento e complementação teórica, metodológica e empírica de ambas correntes.

Seguindo essa mesma corrente, Coraiola, Mello e Jacometti (2012), por exemplo, apresentam em seu estudo uma robusta proposta de articulação teórica, destacando as vantagens e desafios presentes nesta busca de diálogo. Dentre os destaques apresentados na defesa por uma articulação, está uma origem comum das duas perspectivas, tanto ontológica quanto epistemológica, o que auxilia o desenvolvimento de convergências.

Os autores ressaltam alguns conceitos importantes da teoria institucional que podem ser trabalhados em conjunto com a estratégia como prática. Dentre estas contribuições, aponta-se a existência de ambientes institucionais e influências externas que podem afetar práticas organizacionais, admitindo-se que as práticas institucionalizadas podem afetar a estratégia organizacional, da mesma forma que as ações internas também são capazes de romperem a fronteira organizacional e se estabelecerem no campo.

Além destes conceitos, é importante evidenciada a necessidade de se observar prática de isomorfismo que pode se estabelecer ao se perpetuar estratégias em diferentes organizações. Marietto e Serra (2019) destacam que determinadas práticas estratégicas presentes em ambientes e campos organizacionais são permeadas por simbolismos e ritos que se institucionalizam. Ao se institucionalizar, estas práticas estratégicas são dotadas de uma série de significados que os praticantes identificam no cotidiano organizacional. Destaca-se aqui que estas práticas recebem também influências externas, como por exemplo, influências de concorrentes que adotam certas práticas, ou outros atores externos, como mídia e profissionais da área de gestão que atuam no campo organizacional.

A influência externa pode acabar legitimando determinadas práticas estratégicas, que podem ser adaptadas na práxis diária, considerando as necessidades que os praticantes possuem

e necessitem responder em seu ambiente organizacional. Nesse sentido, Walter, Augusto e Fonseca (2011) recorrem também a estas contribuições entre mecanismos isomórficos e a teoria institucional para identificar como atores podem recorrer a estratégias já legitimadas nos campos organizacionais para replicá-las em suas organizações, sendo observados também aspectos das práxis cotidiana, com as adaptações necessárias quando preciso.

Em suma, consegue-se compreender a partir destas contribuições, como há a possibilidade de se responder às críticas do microisolacionismo da estratégia como prática ao se recorrer a estes primeiros conceitos. É possível, ainda, perceber que o diálogo entre a ECP e correntes institucionais pode contribuir para enriquecer a pesquisa. Porém, destaca-se que estes estudos apresentados pouco recorreram a conceitos e respostas da própria teoria institucional, especialmente ao considerar as correntes contemporâneas. Portanto, além de abarcar estes conceitos mais gerais que compõem o neoinstitucionalismo, a sua evolução respondeu a críticas feitas à teoria neoinstitucional, como o afastamento do nível micro e baixo enfoque nos atores, demonstrando, assim, um maior potencial de conexão entre a estratégia como prática e a teoria institucional.

4.3 Estratégia como Prática e Institucionalismo Contemporâneo

Como discutido, as contribuições teóricas relatadas acima demonstram como alguns conceitos amplamente difundidos pelo neoinstitucionalismo, tais como influências externas, ambientes institucionais e mecanismos isomórficos, auxiliam a estratégia como prática a solucionar algumas críticas do afastamento do nível macro. Contudo, outros artigos teóricos apresentam a necessidade de se avançar com outras contribuições presentes nas correntes contemporâneas do neoinstitucionalismo. Elas são relevantes, pois assim como no âmbito da estratégia, as teorias da prática fundamentadas em autores como Bourdieu, Certeau e Giddens também foram absorvidas pelo neoinstitucionalismo contemporâneo.

Smets, Greenwood e Lounsbury (2015), por exemplo, apontam duas correntes mais recentes do institucionalismo que podem ser trabalhadas em conjunto com a estratégia como prática, reforçando a possibilidade de novos estudos que recorram a estas contribuições contemporâneas. Em sua obra, os autores destacam as Lógicas Institucionais e o Trabalho Institucional. Os autores apontam como as lógicas institucionais podem auxiliar, considerando que esta perspectiva tem se destacado, dando um enfoque aos microfundamentos que orientam a análise institucional, sendo possível compreender a partir desta ótica processos de mudança organizacional, por exemplo.

Destaque-se ainda que as organizações podem apresentar múltiplas lógicas, o que gera a complexidade institucional que pode surgir em campo, despertando o interesse de pesquisa das correntes baseadas na prática. As lógicas ganham esta proeminência no campo, considerando que elas são capazes de fomentar a mudança organizacional, portanto o processo de se fazer estratégia é também permeado por múltiplas lógicas, que podem ser melhor desveladas a partir da estratégia como prática.

Smets, Greenwood e Lounsbury (2015), destacam também as contribuições do Trabalho Institucional, assim como, Tureta e Júlio (2016) apontam em sua obra essa possibilidade de forma mais aprofundada. Os autores indicam que o trabalho institucional apresenta um enfoque na agência humana integrada, sendo que estes agentes possuem intenções buscando criar, manter ou romper com práticas institucionalizadas nas organizações. Há uma ênfase nas micropráticas desenvolvidas por estes agentes, sendo que estas micropráticas também podem se manifestar na prática da estratégia, estimulando o interesse por esta corrente institucional. Existe a possibilidade até mesmo de uma integração entre trabalho institucional, lógicas institucionais e com a estratégia como prática. Considerando que o processo de se fazer estratégia está sempre embricado em contextos institucionais específicos, envolve diferentes

atores sociais que desenvolvem práticas para manter suas lógicas ou lógicas que os beneficiem frente ao desenvolvimento da estratégia.

Assim sendo, tanto o compromisso das lógicas, quanto do trabalho institucional em não desprezar as características mundanas, triviais e cotidianas geralmente desconsideradas, permitem mais uma vez o diálogo com a Estratégia como Prática. Conceituações mais granulares de agência, análise micro e relações entre as lógicas tendem a ganhar com uma construção conjunta à estratégia como prática.

Suddaby, Seidl e Lê (2013) apontam que a estratégia como prática e as correntes institucionais contemporâneas possuem três pontos de interseção que facilitam o desenvolvimento das pontes teóricas: o comportamento, a cognição e a linguagem. Quanto ao comportamento, os autores destacam que a corrente do trabalho institucional ao observar atores no processo de criar, manter ou romper com práticas institucionalizadas possui interfaces com a estratégia como prática, quando esta tem o interesse de observar também comportamentos relacionados às rotinas organizacionais que se fazem presente nas práticas.

No que tange à cognição, destaca-se a importância dela na própria concepção das lógicas e do trabalho institucional, observando aqui aspectos de legitimação, práticas e construção de sentidos pelos atores na caracterização de um ambiente. Há uma aproximação fenomenológica e busca por compreender as práticas construídas de forma coletiva, o que demonstra conexão com a estratégia como prática quando atores precisam lidar com momentos de incerteza ao estrategizar. Aspectos cognitivos na estratégia como prática, guiam as práxis cotidianas, de onde surgem significados compartilhados por diferentes atores ao estrategizarem.

Por fim, a linguagem é vista como algo institucional, constitui e é constituída de regras, normas e estruturas. Sendo a estratégia também reconhecida como uma prática discursiva, demonstra-se mais uma vez a afinidade entre as duas correntes, sendo possível estabelecer diálogos e desenvolver diferentes estudos.

Percebe-se aqui um fortalecimento não apenas da estratégia como prática, mas a possibilidade de avanço também para a teoria institucional, especialmente a contemporânea, ainda pouco empregada nos estudos para analisar as práticas estratégicas. Por fim, Suddaby, Seidl e Lê (2013) destacam que avançar em conexões entre as duas correntes auxilia a superar críticas como o microisolacionismo, macroênfase e meras descrições minuciosas de práticas. Tureta e Júlio (2016) reforçam que ao se observar as perspectivas contemporâneas, há uma possibilidade mais forte de se compreender como diferentes atores da estratégia se movimentam nos campos organizacionais de acordo com as suas necessidades, bem como mobilizam meios para que isso ocorra.

4.4 Contribuições empíricas

Compõem também o escopo deste estudo, seis artigos empíricos que articularam ou recorreram às perspectivas da estratégia como prática e à teoria institucional. A primeira obra empírica que busca esta articulação é o texto de Maciel e Silva (2009), cujo interesse foi compreender práticas estratégicas realizadas no âmbito de uma congregação evangélica por seus líderes. Além da estratégia como prática e da teoria neoinstitucional, os atores recorrem às análises de redes para desvelar a posição de atores ao desenvolver suas práticas estratégicas. No que tange à metodologia utilizada para desenvolver o estudo, os autores articulam contagem estatística com métodos qualitativos, como entrevistas com os membros destas organizações, realizando análise de conteúdo e análise de posição em redes.

As principais contribuições do trabalho foram identificar as diferentes lógicas que podem permear estas relações dentro das redes, para o desenvolvimento das diferentes estratégias. Atores mais centrais buscam, por exemplo, a valorização de eficiência, customização e cooperação, enquanto atores mais periféricos recorrem a lógicas de qualidade,

reputação e tradição. Quanto às práticas estratégicas desenvolvidas, foi possível perceber que estes atores desenvolvem cultos a públicos específicos, envio de missionários, atividades de integração e desenvolvimento da comunidade. Vale citar que que parte destas práticas visa reorganizar e reconstruir valores presentes no âmbito da organização, sendo possível identificar que o âmbito institucional age em diferentes níveis, influenciando e sendo influenciado pelas práticas estratégicas.

Por seu turno, a pesquisa de Gencer e Oba (2011) aborda um tema que tem despertado cada vez mais interesse: softwares como bens comuns. Os autores estabelecem uma aproximação entre a estratégia como prática e a teoria institucional, visando compreender como determinadas práticas são criadas, se difundem e passam a ser socialmente aceitas por membros de uma comunidade. Os autores recorrem às ideias de pressões exógenas e endógenas de campo para compreender as estratégias desenvolvidas por usuários de determinados softwares, especialmente os livres e de como desenvolver determinadas práticas e torná-las socialmente aceitas por membros, sendo possível, inclusive, identificar como estas práticas iniciariam. Embora a metodologia tenha contemplado a perspectiva quali-quantitativa, não foi demonstrado com clareza e detalhes o acesso aos dados que compõem o estudo. É possível, porém, perceber o interesse em observar o avanço das práticas estratégicas desenvolvidas pelos atores a campos organizacionais maiores, superando a visão micro.

Além destes, há estudos que buscam compreender aspectos isomórficos e suas influências na prática da estratégia. O estudo de Walter e Augusto (2011) elucidam esses aspectos, ao identificar as contribuições de consultorias no âmbito bancário. Organizações recorrem a consultorias considerando aspectos de legitimidade e pela capacidade que estas podem apresentar no processo de mudança organizacional, impactando assim nas estratégias. Contudo, cabe ressaltar que o principal destaque fica no âmbito de como o isomorfismo que acompanha as práticas destes consultores, podem influenciar o estrategizar nas organizações. Foi identificado que os consultores buscam práticas legitimadas no campo organizacional para propor intervenções estratégicas nas organizações, sendo que os atores no nível micro adaptam estas práticas de acordo com as suas necessidades, sendo possível perceber a conexão do nível macro (recorrendo a estratégias legitimadas) para desenvolver estratégias em nível micro (adaptações ao contexto organizacional). Quanto à metodologia aplicada, os autores recorrem à perspectiva qualitativa, recorrendo a entrevistas semiestruturadas seguidas da análise de conteúdo.

Por fim, na obra de Marietto e Serra (2019), os autores procuram observar a influência de elementos institucionais na prática estratégica de lojistas que atuam no ramo de matrimônios. Há um enfoque a partir de contribuições de micro e pequenos empreendedores, verificando as ações de gerentes e também de vendedores, considerando que a estratégia não é feita apenas pela equipe de gestão. Os autores reforçam as contribuições de Greenwood e Lounsbury (2015) e da obra de Golsorkhi et al. (2015) pela advocacia da conexão entre os níveis micro e macro, considerando a teoria institucional. Os autores recorrem a diferentes lógicas institucionais, como as familiares, da religião e do casamento, considerando suas regras e ritos, apropriando-se destas regras e ritos para desenvolver suas estratégias de venda. O estudo também apresenta as contribuições do isomorfismo, por meio da tradição do que determinadas cerimônias precisam ter para que sejam consideradas completas. Os atores se apropriam destes aspectos isomórficos para desenvolver estas estratégias. Quanto à metodologia, foi o estudo mais completo e que apresentou maior profundidade no desenvolvimento da coleta de dados, recorrendo à observação não participante, análise in loco e entrevistas com diferentes atores.

Foi possível perceber, ainda, uma ausência das perspectivas contemporâneas nestas contribuições empíricas. Embora alguns estudos apresentem as lógicas institucionais, não há um aprofundamento nas revisões realizadas, uma vez que os artigos recorrerem mais a aspectos gerais do neoinstitucionalismo. Essa lacuna demonstra a importância de se observar e pesquisar

sob as lentes da ECP em conjunto com as Lógicas Institucionais e Trabalho Institucional. A seguir, serão apresentadas as considerações finais do presente estudo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para responder à questão “como a articulação entre Estratégia como Prática e a Teoria Institucional tem sido pesquisada na literatura nacional e internacional?”, foi desenvolvida uma revisão integrativa de literatura, visando apresentar as principais contribuições de obras que articulassem o tema “Estratégia como Prática e Teoria Institucional”. A primeira dificuldade nesta revisão foi encontrar artigos e trabalhos que abordem ambas as correntes, pois ainda há uma predominância de estudos teóricos que incentivam o desenvolvimento de ambas as teorias, apresentando as vantagens que uma possível articulação possa proporcionar, contudo, os estudos empíricos ainda são escassos.

Os estudos empíricos, de um modo geral, articularam estratégia como prática a conceitos mais relacionados com o neoinstitucionalismo, destacando aqui os mecanismos isomórficos como principal conceito adotado para se explicar o desenvolvimento da estratégia como prática. Foi possível também identificar a busca por aplicação de conceitos como legitimação e ação intencionada dos atores ao se fazer estratégia. No que tange à metodologia, com exceção do estudo de Marietto e Serra (2019) que recorrem à observação participante como metodologia, os outros estudos recorreram a técnicas tradicionais de coleta e análise de dados, como entrevistas e análise de conteúdo para se desenvolver as pesquisas, por exemplo. É importante reforçar as pesquisas com outros recursos metodológicos, a fim de fortalecer as contribuições para o campo.

Além disso, reforça-se a importância de se trabalhar a estratégia como prática em conjunto com as lógicas institucionais e trabalho institucional, considerando a falta de estudos empíricos que abordem estas perspectivas, bem como a importância de fortalecer tanto a estratégia como prática, quanto estas correntes.

A condução de estudos sob estas perspectivas tendem a fortalecer ambas correntes, além de superar as críticas enfrentadas pela estratégia como prática, no que tange a um enfoque excessivo no nível micro, desconsiderando a importância de se conectar as práticas estratégicas desenvolvidas ao nível macro-organizacional. A opção pelas correntes institucionais se dá pelo reconhecimento do ambiente macro e uma atuação conjunta responde às críticas que o institucionalismo tem recebido, de desconsiderar aspectos de nível micro, sendo importante também considerar especialmente as lógicas e o trabalho institucional.

Como agenda de pesquisas, enfatiza-se as seguintes contribuições: Walter, Augusto e Fonseca (2011) apontam que sob o prisma institucional e com a estratégia como prática, há a possibilidade de analisar a difusão de práticas estratégicas em um nível macro, no campo organizacional, práticas estas criadas e adaptadas por estrategistas a partir de contribuições de consultorias, por exemplo. Suddaby, Seidl e Lê (2013) destacam a importância de se repensar as instituições, não as vendo como algo duradouro e separado de atores que as produzem, convidando assim, pesquisadores a fazerem uma busca por “re teorizar” as corporações modernas acerca do se fazer a estratégia, passando um tempo significativo nessas organizações para compreender como as práticas podem se institucionalizarem e como isso realmente ocorre.

Smets, Greenwood e Lounsbury (2015) chamam a atenção para um aspecto que vem sendo cada vez mais discutido no âmbito da estratégia como prática: a sociomaterialidade. Desenvolver estudos que considerem os trabalhos institucionais dos atores intermediados por aspectos materiais para desenvolver as práticas estratégicas pode também ser relevante. Tureta e Júlio (2016) apontam para a importância de se compreender a movimentação de atores nos campos organizacionais de acordo com as suas necessidades para desenvolver estratégias. Marietto e Serra (2019) propõem que ao se analisar práticas isomórficas em lojas de varejo, por

exemplo, deve ser aprofundado quais estratégias são desenvolvidas por estes vendedores para atrair clientes. Considerando o tema como emergente, há uma grande possibilidade de construir diferentes estudos que recorram a estratégia como prática e a teoria institucional.

Finalmente, esta revisão evidencia as possíveis contribuições desta articulação teórica, lacunas de pesquisas e revela que mesmo diante dos apelos e do potencial analítico destacados por diferentes pesquisadores da área de administração, este diálogo teórico encontra-se em estágio embrionário, com grande potencial de desenvolvimento.

Referências

ANDRADE, Lilia; et al. Estratégia como prática: Uma análise das práticas ambientalistas da Universidade Federal de Lavras (UFLA). **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 10, n. 2, p. 02-18, 2016.

BAETA, Odemir Vieira; BRITO, Mozar José; TONELLI, Dany Flávio. Estratégia como Prática Social e Discursiva: possibilidades de aplicação da abordagem no contexto brasileiro. **Revista ESPACIOS| Vol. 37 (Nº 06) Año 2016**, 2016.

BONFIM, LRC; ABIB, G.; GONÇALVES, S. A. Lógicas institucionais no estudo da estratégia como prática: uma proposta de relação entre o conceito e a abordagem. In: **8thIberoamerican Academy Conference**. 2013.

BROWN, Andrew D.; THOMPSON, Edmund R. A narrative approach to strategy-as-practice. **Business History**, v. 55, n. 7, p. 1143-1167, 2013.

CORAIOLA, Diego Maganhotto; MELLO, Cristiane Marques de; JACOMETTI, Márcio. The structuring of strategy as an organizational practice: analytical possibilities based on organizational institutionalism. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 13, n. 5, p. 204-231, 2012.

FENTON, Christopher; LANGLEY, Ann. Strategy as practice and the narrative turn. **Organization studies**, v. 32, n. 9, p. 1171-1196, 2011.

FRØLICH, Nicoline et al. A reinterpretation of institutional transformations in European higher education: strategising pluralistic organisations in multiplex environments. **Higher Education**, v. 65, n. 1, p. 79-93, 2013.

GENCER, Mehmet; OBA, Beyza. Organising the digital commons: A case study on engagement strategies in open source. **Technology Analysis & Strategic Management**, v. 23, n. 9, p. 969-982, 2011.

GOLSORKHI, Damon et al. (Ed.). **Cambridge handbook of strategy as practice**. Cambridge University Press, 2015.

JARZABKOWSKI, Paula; SEIDL, David. The role of meetings in the social practice of strategy. **Organization studies**, v. 29, n. 11, p. 1391-1426, 2008.

JARZABKOWSKI, Paula; WHITTINGTON, Richard. A strategy-as-practice approach to strategy research and education. **Journal of Management Inquiry**, v. 17, n. 4, p. 282-286, 2008.

LAWRENCE, Thomas B.; LECA, Bernard; ZILBER, Tammar B. Institutional work: Current research, new directions and overlooked issues. **Organization studies**, v. 34, n. 8, p. 1023-1033, 2013.

- LAWRENCE, Thomas B.; SUDDABY, Roy. 1.6 institutions and institutional work. **The Sage handbook of organization studies**, p. 215-254, 2006.
- LAWRENCE, Thomas; SUDDABY, Roy; LECA, Bernard. Institutional work: Refocusing institutional studies of organization. **Journal of management inquiry**, v. 20, n. 1, p. 52-58, 2011.
- MACIEL, Cristiano de Oliveira; MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L. Práticas estratégicas em uma rede de congregações religiosas: valores e instituições, interdependência e reciprocidade. **Revista de Administração Pública**, v. 43, n. 6, p. 1251-1278, 2009.
- MARIETTO, Márcio Luiz; SERRA, Fernando Antônio Ribeiro. The role of institutional elements on strategic activities of small business practitioners. **International Journal of Entrepreneurship and Small Business**, v. 37, n. 2, p. 250-270, 2019.
- MORAIS, Raphael de et al. Interruption of informality in artisanal cachaça: an analysis from the perspective of institutional work. **Contextus - Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 18, p. 107-122, 2020.
- PAIVA, André Luiz et al. Ten Years of Institutional Work: A Bibliometric and Sociometric Review. **Revista FSA (Centro Universitário Santo Agostinho)**, v. 18, n. 1, p. 25-47, 2021.
- PEREIRA, Fernando Antonio. A evolução da teoria institucional nos estudos organizacionais: um campo de pesquisa a ser explorado. **Revista Organizações em Contexto**, v. 8, n. 16, p. 275-295, 2012.
- RABETINO, Rodrigo; KOHTAMÄKI, Marko; FEDERICO, Juan S. A (Re) view of the Philosophical Foundations of Strategic Management. **International Journal of Management Reviews**, 2020.
- SANTOS, Flávia Oliveira, et al. "EMPREENDEDORISMO FEMININO SOB A PERSPECTIVA DA ESTRATEGIA COMO PRÁTICA E TEORIA INSTITUCIONAL." **Future Studies Research Journal: Trends and Strategy** 12.3 (2020): 511-528.
- SEIDL, David; WHITTINGTON, Richard. Enlarging the strategy-as-practice research agenda: Towards taller and flatter ontologies. **Organization Studies**, v. 35, n. 10, p. 1407-1421, 2014.
- SMETS, Michael; GREENWOOD, Royston; LOUNSBURY, Michael. An institutional perspective on strategy as practice. **The Cambridge handbook of strategy as practice**, v. 2, p. 283-300, 2015.
- SUDDABY, Roy. Can institutional theory be critical?. **Journal of Management Inquiry**, v. 24, n. 1, p. 93-95, 2015.
- SUDDABY, Roy; SEIDL, David; LÊ, Jane K. Strategy-as-practice meets neo-institutional theory. 2013.
- THORNTON, Patricia H.; OCASIO, William. Institutional logics. **The Sage handbook of organizational institutionalism**, v. 840, n. 2008, p. 99-128, 2008.
- TORRACO, Richard J. Writing integrative literature reviews: Using the past and present to explore the future. **Human resource development review**, v. 15, n. 4, p. 404-428, 2016.
- TURETA, César; JÚLIO, Ana Carolina. Estratégia como prática social e trabalho institucional: Uma proposta de articulação teórica. **Teoria e Prática em Administração (TPA)**, v. 6, n. 2, p. 26-53, 2016.

WALTER, Silvana Anita; AUGUSTO, Paulo Otávio Mussi. A institucionalização da estratégia como prática nos estudos organizacionais. **Revista de Administração**, v. 46, n. 4, p. 392-406, 2011.

WALTER, Silvana Anita; AUGUSTO, Paulo Otávio Mussi. O caleidoscópio da estratégia: o papel das consultorias externas no strategizing de uma organização. **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão**, v. 10, n. 1-2, p. 102-111, 2011.

WALTER, Silvana Anita; AUGUSTO, Paulo Otávio Mussi; FONSECA, Valéria Silva da. O campo organizacional e a adoção de práticas estratégicas: revisitando o modelo de Whittington. **Cadernos Ebape. BR**, v. 9, n. 2, p. 282-298, 2011.

WHITTINGTON, Richard. Completing the practice turn in strategy research. **Organization studies**, v. 27, n. 5, p. 613-634, 2006.

WHITTINGTON, Richard. Strategy as practice. **Long range planning**, v. 29, n. 5, p. 731-735, 1996.